

Álvaro Pimentel, músico e responsável musical pelo espaço de jazz “O Lava Jazz é uma casa de cultura, uma escola e um desabafo para quem dele necessitar”

Álvaro Pimentel é um músico açoriano que iniciou a sua aprendizagem musical na filarmónica Minerva de Ginetes, no instrumento saxofone. Ingressou nas Forças Armadas Portuguesas como aprendiz de música na Banda Militar dos Açores. Estagiou na Banda Nacional Republicana (GNR) e foi o precursor do fagote nos Açores. Actualmente está ligado ao jazz, sendo Lava Jazz o espaço um bar em Ponta Delgada onde se pode tranquilamente apreciar aquele género musical que tem atraído locais e turistas que procuram muito esse estilo de música.

Correio dos Açores: Sabemos que o Lava Jazz vai de vento em popa, como director musical daquele espaço, qual a tua opinião em relação a este facto?

Álvaro Pimentel: Bom... ainda bem que não parte de mim este comentário, o facto é que os clientes que frequentam o bar e que manifestam os seus comentários tanto nas redes sociais como nos seus sorrisos de agrado, boa disposição e carinho, quando saem do bar, parecem provar tal afirmação. De resto acho que o bar em questão está mais que nunca bem direccionado e já agora com modéstia de parte e mesmo tendo estado dele afastado por dois anos, orgulho-me que assim seja. Com a Cláudia Chaves Neves, Sílvia Torres, Gorete Aguiar, a Carina, a Raquel e a Anabela, acho que o bar está no bom caminho e que a sua proprietária Cláudia Chaves Neves, está de parabéns e de acordo comigo.

Já agora e começando pela música, como reagem os clientes em relação ao que lá se passa musicalmente e o jazz, já é aceite na nossa cidade como outro estilo de música qualquer, como por exemplo o Pop, o Rock ou o Clássico?

Claro que a nossa cultura jazzística ainda está a nascer, não temos história de jazz nas nossas raízes, na nossa cultura, ou no nosso berço, o facto é que cada vez mais e interessadamente as pessoas vão aderindo e até a malta mais jovem, vai percebendo que afinal o jazz não são só escalas para baixo e para cima, vão ficando e no fim de cada noite é gratificante quando eles dizem, gostei. É interessante também saber que alguns jovens músicos já pensam no jazz de outra forma que não os mais velhos, muitos jovens músicos já conseguem ouvir o clássico e o soft jazz e isto é muito bom, o Lava Jazz tem tido a sorte de ter músicos no seu elenco com muita qualidade e posso cita-los, começando pelo professor Mike Ross que é um dos fundadores músicos desse espaço, o Paulo Rosa Martins que só lá não está porque teve um problema de saúde e foi substituído pelo sorridente e consciente baterista Lazaro Raposo, o Paulo Vicente, muito bom pianista, a Gianna de Tony, aluna do Mickie que já trata o contra baixo por tu, o Jorge Lima com o seu sax e com a sua guitarra que também não brinca em serviço, o Cristóvão Ferreira que em seis meses ou pouco mais, se fez pianista de jazz, no Lava Jazz, o Ricardo Reis, baterista nosso freelance, ao meu querido e falecido irmão baterista Zézé N'gambi e outros que por lá passaram e vão passando. Neste momento a banda residente é composta, pelo Lazaro Raposo na bateria, o Mike Ross no contrabaixo, o Emílio Robalo no piano e eu no sax, uma vez por mês a Sara Silva que se junta a nós com a sua linda voz e queda jazzística e o percussionista Alfredo Molina que também uma vez por mês nos dá a sua graça com as suas congas inconfundíveis. É de sublinhar que o actual pianista Emílio Robalo é nem mais nem menos que um senhor do jazz português e internacional, que se deslocou do continente português para integrar a banda

actual do Lava Jazz, está naquela fase de maturidade de descansar, já não aceita muitas confusões como cidades grandes etc. Longe do stress como ele próprio diz. Já agora a todos esses músicos e a todos os outros que por lá passaram o meu bem-haja.

Em relação aos clientes, têm tido casas cheias, menos cheias, vazias, como está a funcionar neste momento, visto que o jazz ainda e como tu dizes, não é de fácil audição por parte da nossa gente?

Como te disse, estive afastado desse projecto dois anos, por razões pessoais e profissionais, em relação a esses dois anos não me posso manifestar como é evidente, mas neste momento a coisa está a funcionar muito bem, apesar de termos como é óbvio de contar sempre com os turistas, como deves imaginar são eles que diariamente procuram o Lava Jazz, os nossos vão aparecendo conforme podem e lhes apetece, temos clientes residentes que para os quais o Lava Jazz já faz parte dos seus objectivos de lazer fora de casa e isto é muito bom, claro que nada cai do céu, muito menos o gosto por um estilo de música muito pouco ainda divulgado e ouvido, não só na região mas também em Portugal em geral, não posso deixar de referir que mesmo a nível continental o jazz ainda não passa de um estilo de música para “gente fina”, desculpem-me a expressão mas é assim mesmo, é muito giro e fino ir ao jazz, mas claro que muito poucos ainda o fazem com sentimento e por opção cultural, já os turistas não, esses vêm de propósito ouvir jazz e procuram o bar para tal, ainda há dias fiquei surpreendido com uma história que é real, um casal de recém casados de Boston foram ao facebook à procura de um bar de jazz a nível mundial e escolheram o Lava Jazz em Ponta Delgada, como prenda do seu casamento, pois tinha sido promessa do marido à esposa e claro ficaram deliciados com o que viram e ouviram, atenção que estou a falar de um casal com cultura jazzística de Boston e que só frequentam bares de Jazz na sua terra, estão fartinhos de ver e ouvir jazz. De qualquer forma estou satisfeito com a adesão da nossa gente ao bar, tem sido giro e é gratificante ver que as pessoas lá vão, não porque é fino ir ao jazz, mas



porque gostam de jazz e do bar em si, bar este que oferece todas as condições para se passar um serão agradável com familiares, amigos e filhos.

E quanto ao restante serviço em geral no espaço, é bem cotado?

Bom... não sirvo às mesas nem no bar, mas o facto é que há praticamente seis meses que lá trabalho nesta segunda fase, nunca ouvi um comentário negativo e já agora e pondo de parte as minhas funções no bar, tenho de ser verdadeiro e quem me conhece sabe que quando tenho que por abaixo ou por em cima sou franco e o mais realista possível, aliás, sou o maior crítico daquela casa em todos os sentidos, mas o facto é que além de nunca ter ouvido um comentário negativo, eu pessoalmente considero o serviço de nota 10 em pontuação de 1 a 10, claro que existem sempre os “pseudo” que por vezes e por ignorância ou estupidez reclamam mesmo sem saber do que reclamam, mas isto é uma crise humana, “pseudo” existem em todas as civilizações e em todo

o lado, falam só porque querem ser ouvidos e porque coitados, necessitam de uma certa atenção, enfim...

Queres acrescentar mais alguma coisa que aches importante?

Pouca coisa, só mesmo incentivar o nosso povo a ir ao jazz, porque têm interesse e porque gostam ou querem inteirar-se mais um pouco em relação a este estilo musical. Atenção que naquele espaço não se faz o free jazz, porque desse aí, nem eu, sou grande fã, mas sim como já referi o soft, o clássico e derivados do jazz, como por exemplo os blues, a bossa nova etc. etc. estilos esses, que além de serem diferentes do free jazz, não cansam, antes pelo contrário, despertam interesse, pela sua fusão de improviso total baseado em melodias e temas (standards) predefinidos. Quero alertar também e já que me dá esta oportunidade, que como amante da música e como músico de profissão, adoraria ver em S. Miguel para começar, uma escola de jazz, quem sabe um dia não consiga fazer ou não contribua no mínimo para que esse meu sonho se torne realidade e, porque não, a partir do Lava Jazz, tipo Hot Club em Lisboa e milhares de outros bares e escolas a nível mundial. Tive a sorte de conhecer e de tocar em alguns bares espalhados por esse mundo e como é óbvio adora ver e saber, um pouco da qualidade que neles vi, aqui na nossa região. Nada começa por cima mas sim, sempre por baixo, assim quer e pensa a gestão e a proprietária do Lava Jazz e um pouco, todos os que dele fazem parte e que são responsáveis pelo seu funcionamento, desde músicos, a quem recebe e com muito nível e classe, como é nosso apanágio, dá as boas vindas aos clientes. Acreditem que não é fácil manter um bar deste género em parte nenhuma do mundo, muito menos em São Miguel e por diversas razões como todos devem imaginar. Portanto só mesmo e para terminar, quero dar uma voz de congratulação a toda a equipa que fez, faz e fará parte desta casa, que quer queiramos quer não, faz a diferença na nossa cidade. A começar pelo governo, pela câmara municipal e todos aqueles que acharem de extrema importância a existência de um bar deste género na nossa região, não só pela resposta de passatempo a nível turístico e residente, mas também e mais importante que todo o resto, a parte cultural, estão todos convidados de uma ou outra forma a apoiarem o máximo que puderem este projecto, que neste momento poder-se-á considerar sem margem para dúvidas, uma pérola no meio do oceano.

Quero alertar ainda todos os músicos residentes e não residentes, para o facto de uma vez por mês termos no Lava Jazz uma noite de jam session, que geralmente é na primeira quinta-feira de cada mês, portanto estão todos convidados a lá passarem, a levar os seus instrumentos e a “jamar” connosco. O Lava Jazz é uma casa de cultura, uma escola e um desabafo para quem dele necessitar.

